



Câmara Municipal do Recife
Rua Princesa Isabel, nº 410, Boa Vista – 50050 – 450
Gabinete Vereador Josenildo Sinesio – PT

REQUERIMENTO /2006

Requeiro à Mesa, ouvido o plenário e cumpridas as formalidades Regimentais, que seja reservado o Plenário da Câmara Municipal do Recife para a realização de uma Sessão Solene em homenagem póstuma ao **PADRE ROMANO ZUFFEREY**, no dia 27 de abril de 2006, às 10:00.

Sala das Sessões da Câmara Municipal do Recife, 04 de abril de 2006.

JUSTIFICATIVA

Padre Romano Zufferey nasceu em 23 de dezembro de 1910, em um vilarejo a 1.650 metros de altitude, por entre as montanhas que cercam o vale de Anniviers, no cantão do Valais, na Suíça.

O pai, Alexandre Zufferey, era mineiro, operário da usina de alumínio da Chppis. A mãe, Maria Favre, além dos afazeres da casa, se ocupava da plantação de legumes e do pouco gado pertencente à família com a ajuda dos filhos menores. Os mais velhos trabalhavam distante da pequena vila.

Dos oito irmãos de Padre Romano, três – Abel, Conrado e Luciano – trabalhavam na construção civil como pedreiros; o caçula, Alexandre, era operário de fábrica. Gustavo, conhecido como Frei Angelin, trabalhou durante anos como missionário capuchinho, nas Ilhas Seichelles, na África. Duas irmãs, Catarina e Maria, casaram-se com operários e Lúcia, enferma desde a

infância, ofertou as suas minguadas forças ao serviço numa comunidade de Idosos.

Como se vê, família numerosa e marcadamente operária.

Romano fez seu curso primário na escola de Saint Luc. Aos 15 (quinze) anos, passou a freqüentar o Colégio Católico de Sion, onde, muito estudioso e aplicado, terminou seu curso secundário um ano antes do período previsto. Ingressa, aos 22 (vinte e dois) anos, no Seminário de Sion. Ordena-se Padre em junho de 1937, aos 27 (vinte e sete) anos.

Fiel às suas origens e entendendo o ministério sacerdotal como serviço à Classe Trabalhadora, o jovem **Padre Romano** decidiu dedicar-se integralmente ao proletariado de sua terra. Logo depois de sua ordenação, foi designado capelão do canteiro de obras da barragem de Moiry e da usina de alumínio de Chippis. Aos operários desses dois campos de trabalho, 2.500 (dois mil e quinhentos) só da usina de, durante anos, o melhor do seu tempo, ajudando-os a descobrirem o seu valor e a sua dignidade de homens e de filhos de Deus. Era o companheiro, o irmão, o educador generoso e alegre para todos e para cada um.

Com igual espírito e dedicação, foi assistente religioso da Juventude Operária Católica (JOC) do Valais e, mais tarde, com uma equipe de operários adultos iniciou e firmou a Ação Católica Operária (ACO) na sua região.

Em 1962, na primeira semana de setembro, chega ao Recife, atendendo ao apelo da ACO para ajudar, como Assistente, a nascente ACO do Recife e do Nordeste.

Em terras nordestinas, entregou-se de corpo e alma à sua missão de ajudar os trabalhadores e trabalhadoras a tomarem consciência dos seus valores humanos e cristãos, a concretamente se engajarem na construção de um mundo mais justo e mais fraterno.

Em 1968, foi indicado e eleito também Assistente Nacional do Movimento, mandato que se prolongou até 1974, pela vontade dos militantes brasileiros.

Desde a sua chegada ao Brasil, o **Padre Romano** viveu junto aos trabalhadores do Nordeste, durante um dos períodos mais repressores da história nacional. Foi grande articulador para assegurar a existência do movimento, que estava permanentemente ameaçado e perseguido pela Ditadura Militar. Incentivou o lançamento pela ACO de documentos da mais alta importância como:

- Nordeste Desenvolvimento Sem Justiça (1967);
- Nordeste, o Homem Proibido(1970);
- 100 Anos de Suor e Sangue (1971);
- Dez anos de ACO no Brasil (1973);
- História de Classe Operária no Brasil – primeiros cadernos (1976).

Em julho de 1977, é ameaçado de expulsão do país. Com dignidade e coragem enfrentou o processo de expulsão e foi tamanha a manifestação espontânea de solidariedade de companheiros e entidades de todas as partes do país e do exterior, que tal iniciativa malogrou.

A ACO de Pernambuco e de todo nordeste cresceu e se firmou, em grande parte, pelo testemunho e acompanhamento dado pelo **Padre Romano** aos militantes operários, revelados diariamente pelo seu compromisso de fidelidade aos trabalhadores e a Jesus Cristo.

Nos últimos anos de sua vida, com a saúde fragilizada, permaneceu presente na luta operária. Faleceu de pé, como sempre viveu, em 12 de fevereiro de 1985, vítima de uma violenta infecção pulmonar, seguida de parada cardíaca.

As solenidades de sepultamento foram marcadas como proclamações da sua páscoa da validade do seu compromisso com os excluídos e com Aquele que deu a vida pela libertação de todas as pessoas oprimidas.

Sua memória continua viva e inspiradora, como bênção permanente a pairar sobre todos e todas que o conheceram ou pelo testemunho dos que gozaram deste privilégio.

Em virtude do acima exposto, promove-se a presente Sessão Solene, como justa homenagem a um homem cuja história se confunde com a história da luta do povo recifense.

JOSENILDO SINESIO
Vereador – PT